

Enquanto jantamos, damos tempo a que escureça, e com a noite virão talvez estrellas, que nos guiarão tão bom como o sol.

— Não comprehendo nada, disse Igna.

— Quando ellas apparecerem, t'o mostrarei, respondeu-lho o amigo.

Jantaram. O céu ficou escuro e logo appareceram estrellas para illuminal-o.

Igna, ainda ancioso, esperava a promettida explicação. Emfim, os dois amigos se levantaram e de novo se puzeram a caminho.

Durante a viagem, Savo mostrou a Igna as sete estrellas que formam o grupo da Ursa-maior ou o Carro maior.

— Vês, disse, aquellas sete estrellas que pela disposição se assemelham a um corvo, ou melhor ainda, a um papagaio? Dessas sete, quatro formam o quadro ou o papagaio e as outras tres fazem a cauda. Olha bem para essas duas estrellas da frente. Imagina uma linha recta que passo por essas duas estrellas e se prolongue sempre. Essa linha prolongada vai ter a uma outra estrella—Polar—, muito brilhante. Essa estrella fica sempre na direcção do polo do norte; quem caminha para ella dirige-se para o norte.

Igna agradeceu as explicações, que lho parocoram satisfactorias; cobrou animo.

Dahi a duas horas chogavam ao termo da viagem.

## MONOGRAPHIA

DA

### FREGUEZIA DA CACHOEIRA DO CAMPO

(Município de Ouro Preto)

#### PARTE HISTORICA

De 1709 á 1727

Depois do descobrimento do territorio de Minas, foi Cachoeira do Campo um dos primeiros logares elevados á cathegoria de parochia, em 1724, com Ouro Preto, Marianna, Rio de Pedras, S. Bartholomen etc.; mas a data de 1724 assignala apenas a elevação desses logares ao posto de parochias propriamente ditas (collaticias); pois que, pelo menos 15 annos antes, Cachoeira e outros logares gosavam já os foros de parochias de missões ou curatos, não podemos porem dizer em que anno isso se realizou, mas afirmamos que em 1709 Cachoeira já era considerada como parochia, pois que os assentos parochiaes começam desse anno, faltando porem as primeiras folhas do respectivo livro. Ao contrario das povoações visinhas, Cachoeira do Campo não deveu sua origem á mineração, mas sim á amenidade de seu clima, a regular fertilidade de seu solo, e ao encanto de suas bellas paizagens.

E' sabido que a emocionante noticia do feliz descobrimento das riquissimas jazidas auríferas de Ouro Preto, Marianna, Rio das Velhas etc., percorrendo logo as Capitancias visinhas e a mesma Europa, electrizou os animos, attraíndo a estas regiões do ouro grandes levas de forasteiros (bandeirantes), que abandonando seus antigos lares, e quasi despovoando Capitancias inteiras, arrostando ingentes perigos atravessavam o vastissimo e invio sertão em demanda do abençoado paiz das minas, surgindo logo, como por encanto, florescen-

tes nucleos de povoações naquellas paragens até a pouco só habitadas pelas foras e pelos selvagens quasi tão ferozes como as mesmas foras.

Mas a par de tantas riquezas tão facilmente accumuladas, não raro, vizham toldar os animos dos felizes mineiros e marear o brilho do tão maravilhosa opulencia, horrivel carestia e até mesmo o medonho espectro da cruel fome; isto, ou porque eram naturalmente esteréis os terrenos em torno das minas, ou porque os mineirantes, devorados pela tantalica sédo d'ouro, pouco curavam do cultivo da terra donde podessem haver o necessario mantimento: disto resultou que muitos dos recomchogados, abandonando logo as seductoras miragens das explorações auríferas, dispersaram-se pelos logares vizinhos, onde as bellezas da natureza, a benignidade do clima, o viver tranquillo, longe das perturbações e morticinios que ontão já infestavam as povoações auríferas, proporcionavam-lhes uma existencia mais feliz, oncontrando tambem farta compensação de seus rudes trabalhos agricolas no cultivo dessa terra virgem, attento o elevadissimo preço a que chegavam as vezes os generos alimenticios naquelles primitivos tempos, em que, não raro, succedeu que o pobre mineiro, urgido pelas angustias da fome, teve de entregar oitavas de ouro por um punhado de mantimento — Tal foi a origem de Cachoeira do Campo — Incidiu pois em erro o naturalista, Vieira Couto, quando referindo-se ao arraial da Cachoeira do Campo, por onde passou em sua excursão pela Capitania, diz: «Cachoeira... que algum dia deveu a sua criação e subsistencia ao rio do mesmo nome que a atravessa, e que foi rico em ouro e topazios. Hoje essa gente vive de algumas lavras que ainda existem...»

Em primeiro lugar o ribeirão que banha este arraial nunca foi rico em ouro, nem mesmo em topazios, pois, os que se encontram em seu leito são quasi todos jaçados e ruins: as jazidas de topazios estão a mais de 2 leguas da povoação, nas fazendas do Capão do Lana, Cumbo, Vassouras, e em geral nos arredores da Estação H. Hargreaves (Ramal do Ouro Proto), em cujas jazidas as vezes se encontram bollos topazios roseos que são os mais estimados.

Em 2.º lugar, nas immedições da Cachoeira não existiram lavras de alguma importancia; as que foram exploradas com vantagem nos tempos passados, estão situadas nas fazendas do Morro do Gabriel, Rodão, Caldorões etc. (a mais de 2 leguas) sendo que, quando por aqui passou o illustre escriptor, esses logares nem sequer faziam parte da freguezia da Cachoeira do Campo; estavam ontão annexados á de Ouro Proto, á pedido e por propria conveniencia dos proprietarios dessas lavras, que nessa cidade tinham sua residencia principal.

O primitivo nome da parochia era — «Nossa Senhora do Nazareth dos Campos de Minas», a que se acrescentou depois o de «Cachoeira»,

derivado sem duvida da bella cascata que ha no ribeirão, pouco acima do arraial e nos extremos das terras do antigo Quartel, portencentes hoje ao collegio salesiano—Dom Bosco.

Seria cousa grata ao nosso coração, se podessemos lembrar aqui, os nomes dos 1.º descobridores e povoadores desta nossa terra; do 1.º christão que pisou este solo agreste e pela 1.ª vez contemplou essas bellas collinas e formosos valles, e com mais veneração — ainda deixariamos aqui estampado o nome do 1.º missionario ou padre Catholico, que no seio destas brenhas virgens, em rustico altar, pela 1.ª vez ergueu ao ceo a victima divina, immolada pela redempção do mundo, ou que primeiro derramou a agoa de salvação sobre a rude cabeça do selvagem idolatra, ou sobre a innocente fronte do infante nascido de paes Christãos.

Com summa gratidão rememoraríamos tambem os preclaros nomes dos dedicados catholicos, que, com esforçado zelo, concorreram para que aqui se erguesse a nossa rica e bella matriz, templo verdadeiramente notavel, ao menos para aquelles tempos em que do alem-mar, e com tantas difficuldades, nos vinham os operarios e grande parte dos materiaes necessarios para taes obras; mas faltando-nos os necessarios documentos para darmos uma relação nominal dos primeiros fundadores e bemfeitores da parochia em sua organisação; lembramos apenas em nota no fim os nomes das pessoas mais importantes que aqui residiram nos primeiros tempos da parochia, e que por isso podem ser consideradas como seus fundadores ou principaes cooperadores na obra de sua fundação.

A matriz, toda de podra, com 5 altares de finissima talha, donrados com puro ouro, data certamente dos 1.º annos da existencia da parochia; sendo que o bello coro, pela diversidade de seu sythema esculptural, parece de uma epocha um pouco mais recente. E já tinhamos escripto estas ultimas linhas, quando o acaso nos deparou uma folha solta do velho livro do registro dos actos da irmandade do SS. Sacramento da matriz; nesse documento, em parte illegivol, vem descripto o contracto e outras particularidades á respeito da construcção e pintura do tecto da matriz, coro, pulpitos etc., feita essa obra por conta ou, ao menos, sob a principal direcção da irmandade do Sacramento daquelle anno 1726 auxiliada sem duvida pelos fieis da parochia.

Este documento assignado pelos mesarios d'aquelle anno, não só prova o que acima dissemos a respeito do coro, mas ainda nos dá mais ou menos a epocha em que foi a matriz edificada; pois a obra do revestimento e pintura do forro do corpo da mesma, e as columnas do coro, effectuou-se sem duvida na epocha em que foi o tecto coberto de telhas, sendo o primitivo coberto de colmo, talvez porque n'aquelle tempo aqui ainda não se tinha iniciado o fabrico de telhas de argila—. Este documento nos vem demonstrar que a Irmandade do Sacramento senão effectuou a completa construcção da matriz (pois

que não temos documentos seguros para demonstrar) ao menos grande parte da sua construção foi effectuada senão inteiramente a custa da mesma Irmandade, ao menos sob sua direcção e responsabilidade e mediante o poderoso concurso dos fiéis, parecendo comprovar este asserto, o costume corrente entre os fiéis em denominarem a Irmandade do SS. «dona da igreja», o que não teria nenhum cabimento, se ella não tivesse concorrido efficaçamente para a sua construção ou embelesamento.

Quanto as torres, de pedra e cal e solida construção, sabemos que foram construídas 50 annos depois, (1792), e sobre sua edificação ouvimos contar o seguinte: Convocara-se uma reunião das principais pessoas do lugar a fim de tratar-se da edificação das torres, mas, como se acontecer em taes reuniões, appareceram divergencias e talvez desânimo quando fatigado por tantas delongas subito se ergue o mais notavel dos congregados, o Capitão Mor Jacintho Coelho de Carvalho, e batendo no solo com o bastão encastado de ouro, em signal de inabalavel affirmativa, volta-se para o conductor da obra alli presente e diz-lhe «Sr. mestre, faça a obra, quem paga é Jacintho Coelho».

Cremos que a obra não se faria totalmente a custa do generoso offerante, pois que os concorrentes e os outros seus conterraneos difficilmente se resignariam a humilhante posição em que esse brilhante rasgo de generosidade os deixaria collocados, mas, seja como for, nem por isso mereço menos ser aqui honrosamente memorada tam bella e magnifica manifestação de fé e caridade christã— E como mais uma bella amostra da generosidade dos nossos antigos para as cousas do culto de Deus, lembraremos aqui que das 5 grandes lampadas de prata massiça pertencentes a matriz, a que ardia diante do SS. Sacramento traz a seguinte inscripção. «Mandou fazer esta, a Mesa da Irm. do SS. Sacramento. 1757». De sorte que, os bons Catholicos antigos, em vez de pretenderem auferir algum lucro material em virtude da administração dos bens consagrados a Deus, pelo contrario, ao findarem os trabalhos do seu anno commissal, ainda logavam as vezes ao patrimonio sagrado um bello presente em memoria dos bons e desinteressados serviços prestados a causa da religião. O frontispicio da matriz foi construido em 1860 em lugar do antigo bastante damnificado, e mais moderna é ainda a Capella do SS. Sacramento. A matriz é ainda notavel pelos bellos e ricos ornamentos e numerosos objectos de prata com que os antigos a dotaram.

### Capellas

Fallando da matriz, é justo que façamos uma breve menção das diversas capellas aqui já existentes, no periodo de cuja historia agora nos occupamos, 1769 a 1727—Nessa epocha as capellas mais impor-

tantes, construídas de pedra; são Gonçalo do Monte 1726 ultimamente depois annexa a freguezia do Rio do Podras, S. Gonçalo do Tijuco 1726, conhecido nos primitivos tempos com o nome S. Gonçalo da vargem, e hoje elevada a parochia com o nome de S. Gonçalo de Amaranthe; N. S. da Conceição do Alemão, conhecida antigamente com o nome de N. S. da Conceição do Rodeio, quasi da mesma epocha e S. Antonio do Monte. Havia tambem uma Capella dedicada a S. Antonio no lugar denominado Maracujá, na parte que depois passou para a freguezia da Casa Branca; outra pequena de pedra na fazenda das Vassouras, onde residiu outrora o P. João Pereira Zacharias, de ambas só restam as ruínas. Além destas Capellas propriamente ditas (publicas); as quaes nos tempos passados tinham Capellão proprio, muitas outras havia em fazendas particulares e que por isso tomavam o nome de «Oratorios» destas, conforme os assentos parochiaes, pois que em sua maioria desapareceram com as fazendas a que pertenciam, ou foram substituídas por Capellas publicas—lembramos as seguintes—a de S. Vicente Ferreira na fazenda de Gabriel da Silva no Alto do Morro do mesmo nome, substituída em 1904 por uma Capellinha de pedra, publica, edificada no mesmo lugar da antiga.

De N. S. das Dores na fazenda de Feliciano Alves Vianna, pouco distante da Estação de H. Hargreaves, hoje denominada—Dores da Bella Vista. Pelos assentos parochiaes tomamos noticia das seguintes Capellas particulares, cuja posição não podemos bem assignalar:—na fazenda do Capitão Mor José Luiz Sol 1713—do T. Cosmo de Faria 1713—de Pedro Anuns Souto 1714—P. Damaso Pereira 1718—João Pires 1721—T. Manoel de Azovodo—1714, de S. João, no Cercado.

Na sede da freguezia, as Capellas mais antigas são as da Chacara do C. João Lobo Leite Pereira, no extremo do arraial. Essa capella do que hoje só restam as ruínas, parece que tambem serviu para a celebração dos actos religiosos antes de edificar-se a matriz; a de N. S. das Dores de 1731, devota, de pedra;—E para terminarmos este capitulo relativo a Capellas, antecipando, salomos aqui tambem das capellas edificadas nos ultimos tempos. No arraial, além da antiga capella das Dores, há ainda diversas, distinguindo-se a de N. S. das Mercês, ainda em construção, de tijolos e bem construída—Em Taboões a capella de madeira, dedicada a S. Antonio—, no Trino, junto a Estação de H. Hargreaves, a da SS. Trindade (de tijolos)—e, junto a Est. da Uzina, onde existem as minas de manganez, a antiga de S. Julião pertencente outrora a notavel familia dos Macieis, inconfindentes, e hoje perfeitamente restaurada as expensas do Ex. Sr. Com. Carlos A. Wigg proprietario das ditas minas—No arraial do Leite havia e ainda existe a bella capella domestica dedicada a S. Vital, na fazenda do Bananal, pertencente ao Rev. P. Vital José do Valle, natural da Cachoeira e vigario da vara de Ouro Preto 1780.—Nesta capellinha da dita fazenda, que foi origem da actual povoação.

ção do leito, celebravam-se os actos religiosos, antes de ser edificada a actual capella publica dedicada a S.<sup>to</sup> Antonio 1858.—Foi principal fundador desta capella o devoto Antonio Gonçalves do Sacramento, que no ultimo quartel da vida, esquecendo seus negocios particulares, inflamado no zelo da Fé, percorria as povoações vizinhas, colhendo esmolas para a capella do amado Santo, repetindo o predilecto motto—«S.<sup>to</sup> Antonio e as Almas» Deus abençoou seus esforços, e a capella ergueu-se pequena a principio, augmentada depois, tornando-se em breve um notavel nucleo de devoção. O santo bispo Dom Viçoso, conhecendo a sinceridade da Fé—do devoto Antonio do Sacramento, abençoou a sua obra, e a instancias do mesmo, veio pessoalmente bonzer a nova capellinha levantando tambem na mesma occasião a via crucis,—por meio de pequenas cruzes collocadas da capella a um alto visinho, onde se ergue a ultima—um cruceiro.—E Deus que não deixa sem recompensa um coitel lançado nas aras da caridade, concedeu a seu servidor a maior recompensa que o christão pode aspirar na terra, uma morte venturosa; pois que o devoto Sacramento veio a findar seus dias a sombra do preclaro bispo, a quem por um acaso providencial acompanhava na visita pastoral á freguezia do Catts Altas.

(\*)—Conceição do Alemão—Como se lê na Historia Antiga de Minas, pg. 191, o possuidor e fundador da Capella da Conceição do Alemão, conhecida nos tempos passados com o nome de Conceição do Rodeio, foi o Cap.<sup>m</sup> Simão de Mendonça, nobre Paulista, da familia Leme.—O feio nome—Chiqueiro—introduzido depois pelo fallar do vulgo, está inteiramente abolido, escrevendo-se hoje simplesmente—«Conceição do Alemão», ficando assim lembrado o nome do 1.<sup>o</sup> fundador.

Nos fins do seculo 18.<sup>o</sup> e principio do 19.<sup>o</sup>, vivia em sua fazenda junto a essa Capella o P.<sup>o</sup> Antonio Gonçalves de Moraes e Castro, que segundo consta, tinha outra morada em Ouro Preto. Residindo na Conceição do Alemão, por muitos annos foi o P.<sup>o</sup> Moraes o Capellão nato dessa Capella e outros logares circunvisinhos, todos comprehendidos sob a generica denominação—«Rodeio»:—porquanto, como se vê dos assentos parochiaes d'aquella epocha, naquelles tempos denominava-se Rodeio todo o territorio comprehendido entre as serras do Ouro Branco, Bocalma, Rodeio, morro do Gabriel, Lagoa do Netto, Columna etc. Assim pois, embora n'aquelles tempos já houvesse Capellas nas fazendas do Sargento-Mor Gabriel da Silva no Alto do Morro, dos Caldeirões (do Cap.<sup>m</sup> Jose Alves Maciel) e talvez em outras, contudo, só na Capella da Conceição do Rodeio, onde havia pia baptismal, é que podiam participar dos sacramentos os freguezes desses logares, estando então em rigorosa observancia, as leis canonicas que só permitem a recepção do baptismo e outros sacramentos em Capellas em que haja pia baptismal erecta com a devida auctorização. Por essa razão, pois, em Novembro de 1798, na dita Capella, pelo mesmo P.<sup>o</sup> Moraes foi confido o santo sacramento do baptismo ao ultimo filho do desditoso T.<sup>o</sup> C.<sup>o</sup> Francisco de Paula Freire de Andrade, inconflidente, genro do Cap.<sup>m</sup> Mor José Alves Maciel, e portanto cunhado do D.<sup>o</sup> Jose Alves Maciel, como elle tambem inconflidente, membros dessa nobre familia Maciel que alli distante uns 4 kilometros tinha suas lavras junto a antiga Capella de S. Julião, por muitos annos, reduzida ao silencio, á desolação e a ruina, hoje porem felizmente restituída as santas alegrias do culto catholico. O mez em que foi celebrado o baptismo do innocente Gomes, nos revela

### Casa Branca

Falando da maravilhosa abundancia do ouro em nossa primitiva Minas, o pae da nossa historia—Antonil—assim se exprime: «Tom-se por certo que Balthazar de Godoy, de roças e catas, ajuntou vinte arrobas de ouro...

Thomaz Ferreira, abarcando muitas boiadas de gado que ia dos Campos da Bahia para Minas, e comprando muitas roças, occupando muitos escravos nas catas de varios ribeiros, chegou a ter mais de quarenta arrobas de ouro, parte sem ser parte para se cobrar. Mas tratando de obrar o ouro, que se lhe devia, houve entretanto quem lhe dou por desgostos umas poucas ballas de chumbo, que é o que succede não poucas vezes nas minas» Este Thomaz Ferreira de que fala Antonil foi, cremos, um dos troncos da familia Ferreira Neves, Figueiredo Neves e Neves Murta residente no logar denomi.<sup>do</sup>—Rio das Velhas da freguezia da Casa Branca, e que, em virtude do casamento de Dona Thoroza Pulcheria com o Major Manoel Teixeira Murta, natural de

que, quando isso se realizava, jazia já em medonho carcere o seu digno e nobre pae, arrancado as caricias da familia amada, e cruelmente esmagado em seu coração de pae, de espoz, de nobre e patriota. E assim pois não foi celebrado esse acto solemne como seria em tempos felizes, nos esplendores da Villa Rica, entre as alegrias e as pompas de uma familia opulenta, nobre e honrada; mas em silencio, na tristeza, em um pobre templo solitario, no meio do pranto e lucto de uma familia inteira, há pouco feliz e cortejada, agora precipitada de repente no pelago da mais profunda desgraça. No posto de commandante da companhia de dragões, residiu muitos annos em Cachoeira do Campo, o Cap.<sup>m</sup> de Cavallaria João de Almeida e Vasconcellos, executor das ordens do Conde de Assumar para o brutal incendio que propositalmente, ou não, rapido estendeu-se aos casebres dos pobres operarios, sitos na mesma serra da Villa Rica. Não sabemos se esse militar concorreria tambem para a prisão do tribuno Phelippe dos Santos, neste arraial da Cachoeira do Campo; diligencia que, segundo os escriptores d'essa epocha, foi effectuada pelo Capitão Luiz Soares de Meirelles, que era da Cachoeira, e não fazia parte da milicia assoldada. Fallando-se dessa prisão alguns auctores referem-se aos dragões d'El-Rei; o que faz supor que Soares de Meirelles auxiliara apenas os representantes da Justiça, directamente mandados pelo governo da capitania para haverem as mãos o dencado patriota de que o conde tanto se arreceava.

\*\* Desde o anno de 1726 havia nesse logar, outrora Capella filial da Cachoeira do Campo, uma pequena Capella dedicada a S. Gonçalo, da qual não há mais vestigios. A igreja actual, edificada em logar mais elevado, pouco distante da primitiva, foi começada em 1753 e concluida, em 10 mezes, em 1759, sendo pintada em 1768, conforme se lê em uma inscripção em baixo do coro. Possuidor das terras em que está situada a povoação, e provavelmente tambem fundador da primitiva Capellinha, foi Paulo Ferreira da Silva, conforme se vê da Carta de sesmaria passada em seu favor em 1736 pelo Governador Gomes Freire de Andrade.—Rev. do Arch. Min.—Fasc. III IV) 1900 pag. 880—As torres da referida igreja foram construidas em 1900, sendo elevado tambem o antigo frontispicio, permanecendo o templo em tudo o mais como era dantes.

Braga, em Portugal, dividiu-se em 2 ramos, mudando-se este para Cachoeira e permanecendo o outro em Casa Branca. (\*)

A familia Figueiredo Neves possuia no lugar denominado Rio das Velhas—grande fazenda de mineração, onde havia uma Capella dedicada a Jesus Maria e José, uma das mais antigas da Casa Branca e talvez coeva da primitiva matriz. Quem ainda hoje transita por esses logares, as margens do Rio das Velhas, a uma legoa do arraial da Casa Branca, fica tomado de admiração ante as immensas escavações em torno das ruinas dessa fazenda, escavações que em alguns logares se alongam desde as margens do Rio, até os altos vizinhos, attestando assim a portentosa abundancia de ouro que alli existia e tambem os gigantescos trabalhos empregados pelos nossos antigos para arrancar-o do seio da terra. Balthazar de Godoy era proprietario da antiga capella em que se celebravam os actos religiosos antes de se edificar a actual matriz da Casa Branca, para cuja construcção muito concorreu a familia Figueiredo Neves e tambem Balthazar de Godoy, ao menos como possuidor da antiga capella, que era dedicada a N. S.ª do Nazareth.

De alguns assentos dos primeiros livros desta parochia da Cachoeira do Campo se vê que a capella de Balthazar de Godoy pertencia n'aquelle tempo á Cachoeira, e que por isso Casa Branca, antes de ser elevada a parochia, era capella filial de Cachoeira; como prova, exaremos aqui parte de um assento de Casamento extrahido do livro 1.º da parochia da Cachoeira— «Aos 14 dias do mez de Janeiro de 1716, se receberam, na Capella de Balthazar de Godoy, desta freguezia, por provisão que para isso tive do Rev.º M.º Eschola e Vigario da Vara deste districto, Manoel Alves Correa etc., Manoel Roiz Pombo, filho legitimo de Antonio Roiz Pombo, e sua mulher Ignacia Rodrigues, naturacs da Ilha da Madeira, com D.ª Maria de Britto, filha legitima do Gaspar Cassamdo Britto e sua mulher D.ª Maria da Cunha, naturacs e baptisados, na egreja de N.ª S.ª da Conceição da Ilha Grande, bispado do Rio de Janeiro.

O Vigario Estevam Colasso «Posto que alguns auctores apontem uma data mais recente, sabemos que Casa Branca teve os foros de parochia em 1719, mas no character de simples curato, como se pode deprehender de um ou outro assento parochial, que ainda depois dessa data, se referem a Capella de Balthazar de Godoy; e para confirmar o que agora escrevemos e ainda mais comprovar o que afirmamos acima, isto é, que nos primitivos tempos, Casa Branca esteve annexa á Cachoeira, como sua capella filial, transcrevemos aqui o termo de abertura do 1.º Livro de assentos parochiaes desse lugar:—

(\*) Da familia Ferreira Neves foi descendente o General José Joaq.º de Andrade Neves, herolico Barão do Triunpho, por seu pae, de igual nome, nascido em Casa Branca, donde mudou-se para o Rio Grande do Sul, berço do lendario heroe da Campanha contra o Paraguay.

«Este livro ha de servir para nelle se lançarem os assentos dos baptisados, casados e mortos, n'osta matriz de S.º Antonio do Campo, onde chamam capella de Balthazar de Godoy, e leva no fim o termo de encerramento por mim assignado como Vigario da Vara desta V.ª Rica e seu districto... Villa Rica 2 de Outubro de 1719 Lucas Ribeiro».

Como se vê desse documento e de outros assentos parochiaes, o primitivo nome de Casa Branca era «S.º An.º do Campo», e a 1.ª vez que nos livros parochiaes apparece o nome de «Casa Branca» é exactamente no termo da visita pastoral feita a esse lugar por Dom Antonio de Guadalupe, em 30 de Agosto de 1727; parecendo por isso que a ideia da mudança do nome partiu do mesmo Ex.º Sr.º Bispo, ou ao menos foi feita em sua prosença e com sua auctorizada approvação: fica pois sem nenhuma apparencia de verdade a opinião de alguns antigos desse lugar os quaes acreditavam que o primitivo nome de Casa Branca era «S.º Antonio da Garça Branca» derivado, ao que diziam, de uma linda garça que lá pairava nos ares quando ahí penetraram os primeiros bandeirantes—Tendo sido Casa Branca nos 1.ºs annos de sua organização uma parte componente desta parochia da Cachoeira e berço de alguns dos nossos antepassados, de boa vontade aqui exaremos algumas linhas relativas a sua antiga historia, ficando a outros a tarefa de continuá-la.

E, de passagem, lembramos que é muito para desejar que os Rev.ºs parochos ou quaesquer outras pessoas habilitadas, se encarreguem de escrever a historia das respectivas parochias, trabalho penoso, porem utilissimo, pois que por este meio ficariam salvos os poucos documentos que ainda nos restam dos antigos tempos e que cuidadosamente recolhidos e conservados, constituiriam os mais poderosos subsidios para a organização da completa e verdadeira historia de nossa Minas. Vemos o nome de Cachoeira apparecer em acontecimento de um algum relevo na historia de nossos tempos coloniaes, por occasião daquelle tremendo combate aqui travado entre os 1.ºs descobridores de nossas Minas, em sua maioria Paulistas, os quaes tendo conquistado esses thesouros, que elles arrebataram do segredo das selvas, com tantos trabalhos e sacrificios e que si julgavam por isso, com pleno e exclusivo direito sobre os mesmos, e os recém-vindos, portuguezes, tambem denominados forasteiros ou emboabas, os quaes seguindo as pisadas dos primeiros exploradores, acudiam pressurosos do maravilhoso paiz das minas, demandando sua grossa parte nas riquezas recentemente descobertas que, acreditavam, merecidamente lhes devia caber como filhos dilectos da mãe patria, brancos; não passando os outros de miseros colonos, indios e mulatos; e por isso quasi filhos espurios e abandonados pela propria mãe— Não nos deteremos relatando as peripreias dessa lueta tremenda, cuja descripção pode-se ler no aucto livro do historiador mineiro D.º Diogo de Vasconcellos «Historia antiga das Minas

Geraes», pag. 228; só diremos que este combate e o ainda mais sangrento ferido ás margens do Rio das Mortes, origens de tantos males e soffrimentos, ao lado de tantas desgraças, deixaram comtudo um resultado feliz para a colonia nascente, pois, abrindo os olhos á Metropole Portugueza, fizeram-lhe ver o imminente perigo de virem a cair em mãos alheias esses portentosos thesouros que para ella haviam conquistado seus vassallos de além mar: dando isso em resultado a providencial criação da nova Capitania de S. Paulo e Minas, desmembrada da do Rio de Janeiro, de que até então faziam parte, isto para que esta rica parte da colonia Americana, fosse melhor administrada, isto é, mais vigiada, ou completamente espoliada; pois é certo, o ninguem pôde negar, durante seu longo dominio sobre estas plagas americanas, Portugal bem pouco curou do progresso e bem ostar do seus subditos do Novo Mundo, pelo contrario dominada por falsos principios, a Metropole Lusitana parecia empenhada em retardar, impedir, e mesmo aniquillar qualquer tentamen de progresso que, a sua propria custa, emprehendiam os subditos brasileiros, para seu proprio bem, crendo a Corte Luzitana, que impulsionar o progresso das colonias do novo Continente era cavar a ruina de seus dominios europeus, como se não fora o Brasil um bello prolongamento da patria portugueza, scenario infundo para o qual transplantado o pequeno e velho Portugal colheria louros mais puros, palmas mais gloriosas do que aquellas que elle conquistara no Oriente a custo do esmagamento das nações supplantadas. A preocupação principal, e quasi unica, de Portugal com relação aos seus dominios do Brazil era a prompta e rigorosa arrecadação da grossa parte que lhe cabia no producto das minas, parte que elle sem piedade exigia com a dura importinencia do avara e cruel madrastra, dando isto causa a repetidas revoltas que eram logo cruelmente suffocadas no sangue dos imprudentes e ousados recalcitrantes.

Assim nos expressando nem de leve pretendemos forir o melindre da Nação Portugueza, terra veneranda onde se embalaram os berços de nossos maiores, nação heroica que nas passadas éras, inflamada na—Fé Catholica, assombrou o mundo com seus portentosos feitos na Azia, na Africa e no Novo Mundo, e cujos filhos ainda hoje, em diversos pontos do globo, dam o nobre exemplo do constante amor ao trabalho, e de fidelidade e dedicação á religião e a patria. E, de facto, Portugal commetteu erros e erros gravissimos no regimen administrativo das terras por elle descobertas ou conquistadas, mas a isso foi arrastado pela corrente das idéas geralmente em voga naquelle tempo, em que o rei, os fidalgos, os nobres eram tudo, o povo, a plebe, nada. Dez annos mais tarde, 1720, por occasião da tremenda revolta dos povos de Villa Rica contra o feroz Conde de Assumar, ao patriotismo e generosidade do seus correligionarios e amigos do Cachocira do

Campo, veio appellar o exforçado tribuno—Philippe dos Santos, (\*) que escapando a custo das ciladas dos esbirros reaes, corre pressuroso a estes campos da Cachoeira, no generoso intento de congregar auxiliares e companheiros para juntos irem a Villa Rica arrancar das garras do abutre regio os intemeratos Chofes do levante, que tomados por traição e apezar da promessa de perdão e da palavra solememente emponhada em seu favor em nome del-Rei pelo fomentido fidalgo e por elle tão vil e indignamente violada; lá jaziam em ferros, tendo diante dos olhos o horrendo espectro dos tremendos castigos e cruéis torturas que sem, remissão, os aguardavam, e cujos prodromos já nítida e horrendamente se desenhavam n'aquellas negras chammas que, lá no alto da montanha, devoravam impiedosas suas moradas e riquezas consumidas por voraz incendio mandado atear pelo implacavel e rancoroso governador; ficando assim em um momento reduzidos á cinzas, ricos palacios dos opulentissimos chefes com todos os seus haveres e tambem as miseras choupanas dos pobres minerantes!... Mas, baldadas foram as esperanças do paladino popular, em vez de conquistar a liberdade para os seus proceres e amigos, perderá elle mesmo a liberdade e a vida em horrivel supplicio, sendo, como annos depois, o Tiradentes; a unica victima immolada no altar da patria em prol da causa popular, mas, como Tiradentes, encarando corajoso a morte, sem renegar suas crenças, sem esconder em refolhos do disfarce seus heroicos feitos, transformados em horrorosos crimes no tribunal da tyrannia, mas manifestando claramente a verdade — «confessou de plano seus horrendos crimes» escreveu o governador-carrasco. E com effeito, no mesmo momento em que o ousado patriota, congregando amigos, procurava atear-lhes nos peitos as flammas de valor e patriotismo em que ardia seu coração, é de surpresa assaltado pela turba dos beleguins reaes, tendo a sua frente o Capitão Luiz Soares de Moirelles (\*\*).

Defendo-se ainda com denodo, mas supplantado pelo numero é enfim preso, arrastado a Villa Rica e posto na presonça do Nero Portuguez, que após um irrisorio simulacro do processo summario, o manda amarrar as caudas de possantes cavallos, que furiosos logo o despedaçam nas lagens da via publica; isto, não em uma misera aldeia da musulmana Turquia, ou em um rocanto da negra Africa, mas no seio de uma villa christã, pacifica Capital de uma colonia pertencente ao Rei Fidelissimo!

(\*) Muito se tem questionado a respeito da pessoa e naturalidade de Philippe dos Santos; quanto a nós, se não podemos affirmar que aqui tivera elle seu berço, contudo affirmados nos assentos parochiaes daquela epoca, cremos que tinha elle aqui pessoas a que estava ligado pelos vinculos de proximo parentesco. Sendo assim, appellando para os povos da Cachoeira, sua esperança não se firmava só nos alicerces da amizade e patriotismo assentava-se igualmente sobre os fundamentos indestructiveis que e mesma natureza tem aberto no coração humano os vinculos de consanguineidade.

(\*\*) Soares de Moirelles residia em Cachoeira...

A vista de tão horrendo quadro, nem sequer volado pelo triste manto da lei, quem ainda se animará a dizer que benigno e paternal foi sempre o domínio de Portugal sobre seus subditos d' além mar?... Mas para sermos imparciaes, e não injustos, de bom grado aqui confessamos que nem todos os representantes e delegados da corte de Lisboa no Novo Mundo foram da laia dos Viscondes de Assumar, Barbacona, etc — muitos honraram o nome portuguez nestas plagas americanas, como Antonio de Albuquerque, Gomes Freire etc.....

Em 21 de abril de 1727 foi esta parochia canonicamente visitada pelo Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>do</sup> Snr. Dom Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, a cuja diocese pertencia então o territorio de Minas.

Foi sem duvida a 1.<sup>a</sup> vez que por estas nossas serranias transitou a pessoa augusta de um prelado catholico, sendo que antes de Dom Guadalupe as parochias mineiras só eram visitadas pelos sacerdotes delegados e revestidos de amplos poderes para isso necessarios—. Ao retirar se desta parochia, o eximio prelado, como em outras que tambem visitou nessa occasião, aqui deixou salutaros estatutos e notavel pastoral, que, dando-nos a medida da elevação do espirito e zelo apostolico, do illustre visitante, eram ao mesmo passo, de summa utilidade para o regimen espiritual desta notavel parte componente da vastissima Diocese Fluminense, conhecido o profundo estado de abatimento moral em que tinha cahido nossa Capitania nascente, assaltada de tantos agentes docterios; e onde difficilmente chegavam as salutaras influencias promanantes das supremas auctoridades, temporal e espiritual. O 1.<sup>o</sup> Bispo desta Diocese, Dom Frei Manoel da Cruz, certo por aqui passou em 1748, em sua estupenda viagem effectuada pelo nosso immonso fortão, desde o longinquo Maranhão, donde foi transferido, até Marianna; mas, adoentado como vinha, aqui não chrisinou, nem fez demora; a sua 1.<sup>a</sup> visita a esta parochia realizou-se no dia 11 de Junho de 1753—

Como não estamos escrevendo a historia ecclesiastica desta parochia, deixamos de mencionar as visitas que a ella fizeram os demais Prelados Mariannenses, dignissimos successores de Dom Frei Manoel da Cruz; aponas, de passagem, notamos que n'este arraial da Cachoeira do Campo, onde tinha amigos, residiu muitos mezes Dom Carlos Pereira Freire de Moura, bispo eleito desta Diocese de Marianna, 1840, estando em viagem para o Rio de Janeiro, onde devia receber a sagração episcopal, o que não se realizou por ter fallecido o eleito em caminho, antes de ser sagrado, mas depois do lhe terem sido expedidas as bullas de sua confirmação, e por isso deve ser elle contado no numero dos Prelados Mariannenses—A demora do bispo eleito em Cachoeira foi a razão de ter aqui vindo para tomar-lhe a profissão de Fé o P.<sup>o</sup> Antonio Ferreira Viçoso, então simples congregado ou superior do Seminario do Caraça, o que por altissima disposição da Divina Providencia em breve devia succeder ao eleito

ou antes preencher a cadeira episcopal que a morte não lhe deixara occupar.—No mesmo anno, 1840, em que Dom Carlos era preconizado bispo de Marianna, nascia em Congonhas do Campo Dom Silverio G. Pimenta, actual 1.<sup>o</sup> Arcebispo desta archidiocese—Sabemos que, posto nascesse em Congonhas do Campo a finada mão do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo, comtudo, sua avó materna era oriunda do Cachoeira donde mudou-se para Congonhas.

#### Parochos de 1709 a 1727

- 1.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Amador Roiz, provavelmente companheiro dos 1.<sup>os</sup> bandeirantes, 1709, mas antes dello ou seu contemporaneo aqui viveu um, o P. Leão Gonçalo, fallecido a 16 de Janeiro de 1709.
- 2.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> João Carneiro da Cunha de 1712 a 1713.
- 3.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Estevão Colasso de 1713 a 1716.
- 4.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> José Correa da Fonseca 1716 coadjutor, o vigario interino até 1718.
- 5.<sup>o</sup> Conego Pedro de Lenon Lanoy de 1716 a 1718.
- 6.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Dom João da Fé de S. Jeronimo de 1718 a 1721.
- 7.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Francisco de Araujo Gouveia de 1721 a 1723 (vig.<sup>o</sup> Encomendado Antonio Thomaz) 1723.
- 8.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Henrique Pereira de 1723 a 1724—Interino P.<sup>o</sup> Antonio Thomaz.
- 9.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Francisco da Costa Fragoso, e o Coadjutor José Correa da Fonseca 1724.
10. P.<sup>o</sup> Fran.<sup>co</sup> Alves de Andrade Britto de 1724 a 1725.
- 11.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Manoel Correa de 1725 a 1726.
- 12.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Paulo Carvalhosa do Castro e o Coadjutor Manoel Freire de 1726.
- 13.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Manoel Freire de 1726 a 1729.

#### Sacerdotes

P. <sup>o</sup> Diogo de Figueiredo Mascarenhas.....	1710
P. <sup>o</sup> Manoel Gomes da Cruz.....	1712
P. <sup>o</sup> Valerio de Carvalho.....	1712
Conego Amaro Pereira Tavares.....	"
P. <sup>o</sup> Antonio de Almeida.....	"
P. <sup>o</sup> Romão Fortado de Mendonça.....	1714
Licenciado—Manoel Gonçalves Pereira.....	1717
P. <sup>o</sup> Frei José de Jesus.....	1718
P. <sup>o</sup> Licenciado—Bento Soares da Fonseca.....	1717
P. <sup>o</sup> Frei Manoel da Cruz.....	"
P. <sup>o</sup> Licenciado—Manoel da Costa Piccotto.....	1717
P. <sup>o</sup> Antonio Martins de Faria.....	"
P. <sup>o</sup> Luiz Mendes de Andrade.....	"
P. <sup>o</sup> Belchior Francisco da Cunha.....	"
P. <sup>o</sup> Thomaz.....	1721

P. <sup>a</sup> Francisco Soares de Araujo.....	1721
P. <sup>a</sup> Henrique Pessoa.....	"
P. <sup>a</sup> João de Moraes.....	1723
P. <sup>a</sup> Manoel do Barros.....	1721
P. <sup>a</sup> Philippe Teixeira Pinto.....	1722
P. <sup>a</sup> Pedro Correa do Britto.....	1725
P. <sup>a</sup> Manoel de Souza Lobato.....	"
Licenciado—Francisco Tinoco.....	1727

### Irmandade do S. S. Sacramento

Perlustrando o livro das actas da antiga irmandade do S. S. Sacramento desta parochia, verificamos que, desde sua installação em 1716, foi essa benemerita associação a incansavel promotora da continuação, perfeição e augmento das obras da nossa egreja parochial; justo é, pois, que aqui deixemos consignados os preclaros nomes dos benemeritos irmãos desta epocha, de 1716 a 1726, referindo tambem, a seu tempo, os nomes dos respectivos mesarios nas diversas epechas em que se realison alguma obra importante na d.<sup>a</sup> egreja; e assim fazendo cromos, que por igual temos tambem lembrado os nomes dos distinctos catholicos que mais concorreram para a organização e adiantamento de nossa parochia, nascente pois, como se sabe naquelles tempos a Confraria do Sacramento era a corporação quanto havia mais nobre da parochia, e que em seu gremio congregava o que era de mais notavel e illustre na localidade, especialmente em Cachoeira do Campo; essa pia associação empenhou-se de coração na santa cruzada do bem; de sorte que a ella devemos quasi tudo quanto se fez, depois de sua instituição, em prol do decoro e ornato da Casa de Deus.

### Irmãos do S. S. Sacramento de 1716 a 1727

1 T. <sup>o</sup> C. <sup>o</sup> João Antunes Colasso.....	
2 R. <sup>o</sup> Estevam Colasso.....	1716
3 Sarg. <sup>o</sup> Mor Domingos Rodrigues Neves.....	"
4 T. <sup>o</sup> C. <sup>o</sup> José Simões Rosa.....	"
5 Cap. <sup>o</sup> Mor José Luiz Sol (*).....	"
6 Cap. <sup>o</sup> Antonio Antunes Tranquillo.....	"
7 Cap. <sup>o</sup> Manoel Correa Pereira.....	"
8 Manoel Barbosa Maciel.....	1716
9 Cap. <sup>o</sup> Francisco Rodrigues Graça.....	"
10 Antonio Gonçalves Mala.....	"
11 Alfr. <sup>o</sup> João da Costa e Souza.....	"
12 T. <sup>o</sup> Domingos Pinto de Almeida.....	"
13 Sebastião de Freitas Moreira.....	"

\* Cap.<sup>o</sup> Mor José Luiz Sol, era um benemerito da religião, tinha Capella domestica em sua fazenda, foi por alguns annos Secretario da Irmandade do Sacramento, sendo um de seus primeiros installadores.

14 Cap. <sup>o</sup> Manoel Coelho Ferreira.....	1716
15 Estovam Ferreira de Moraes.....	"
16 Amaro Martins Chaves.....	"
17 Manoel da Costa Pereira.....	"
18 Francisco de Almeida Soares.....	"
19 T. <sup>o</sup> Manoel de Azevedo Silva.....	"
20 Alfr. <sup>o</sup> João do Couto.....	"
21 Fran. <sup>o</sup> Louren. <sup>o</sup> Meirelles de Barros.....	"
22 Manoel Domingos de Mattos.....	"
23 Antonio Alves da Silva.....	"
24 João Gonçalves Fernan. <sup>o</sup> Jorge.....	"
25 Manoel da Rocha.....	"
26 João Franco Pais.....	"
27 Manoel Martins Ribeiro.....	"
28 João Manoel Raposo.....	"
29 Francisco da Costa Tav. <sup>o</sup> .....	"
30 João Gonçalves Lima.....	"
31 Francisco Luiz Gomes.....	"
32 Miguel Ferreira Pedroza.....	"
33 Jeronimo de Carvalho.....	"
34 Cap. <sup>o</sup> Domingos Rodrigues Raposo.....	"
35 T. <sup>o</sup> Cosme Martins de Faria.....	"
36 Sargen. <sup>o</sup> Mor Domingos de Carvalho.....	"
37 T. <sup>o</sup> C. <sup>o</sup> Caetano Alves de Araujo.....	"
38 Mathias da Cunha.....	"
39 Sebastião de Mattos.....	"
40 Licenciado Manoel da Costa Picoito.....	"
41 Pedro Ferreira Brandão.....	"
42 Licenciado Manoel Gonçalves Pereira.....	"
43 João Francisco Brandão.....	"
44 Antonio Teixeira da Cunha.....	"
45 Francisco Simões da Cunha.....	"
46 Paulo Domingos Borges.....	"
47 Braz Francisco.....	"
48 Valentim Gonçalves.....	"
49 Florencio Nunes de Souza.....	"
50 Agostinho Lopes da Cunha.....	"

### 1717

51 João Monteiro de S. Thiago.....	1717
52 José Lopes Quaresma.....	"
53 Manoel Carvalho de Mattos.....	"
54 Amador de Souza da Guarda.....	"
55 Pedro Antunes.....	"
56 Henrique de Mattos Pessanha.....	"
57 Cap. <sup>o</sup> Domingos Gonçalves Cruz.....	"
58 Cap. <sup>o</sup> Manoel Fernandes de Araujo.....	"
59 José da Silva Antunes.....	"
60 Ajudan. <sup>o</sup> Antonio Leal de Faria.....	"

61 João de Moraes Carneiro.....	»
62 Domingos Carneiro Prado.....	»
63 Alfr.º Francisco da Costa Netto.....	»
64 Manoel Borges do Valle.....	»
65 Braz da Silveira.....	»
66 Antonio Gonçalves Simoens.....	»
67 Jose de Mello Magalhães.....	»
68 Alf.º Julião Pereira de Britto.....	»
69 Cap.º Luiz Soares de Meirelles.....	»
70 Manoel Rodrigues de Meirelles.....	»
71 Miguel Gaspar Heitor.....	»
72 João Gorge Rangel.....	»
73 Antonio de Miranda.....	»
74 Braz Soares Passos.....	»
75 João Pires de Barros.....	»
76 João Rodrigues Ferreira.....	»
77 Francisco Domingos.....	»
78 Manoel Vieira de Christo.....	»
79 Manoel dos Reis da Fonseca.....	»
80 José da Costa Pereira.....	»
81 Cap.º Roberto Neves de Britto (*).....	»

## 1718

82 Alfr.º Manoel de Freitas Correa.....	1718
83 Jeronimo Vaz de Mello.....	»
84 João Pinto.....	»
85 Manoel Fernandes.....	»
86 Manoel Mendes.....	»
87 Cap.º Francisco Barbosa de Castro.....	»
88 Domingos Luiz.....	»
89 Domingos Ferrelra.....	»
90 João Gonçalves Chaves.....	»
91 Francisco Bernardes.....	»
92 Francisco da Rocha Barboza.....	»
93 Cap.º João Monteiro da Rocha.....	»
94 Philippo da Costa Pereira.....	»
95 Domingos Rodrigues Moreira.....	»
96 Manoel da Silva Carneiro.....	»
97 Simão Fernandes Pereira.....	»
98 Manoel da Silva.....	»
99 Cap.º Pedro Annes de Souto.....	»
100 Joseº Carlos de Souza.....	»
101 Bernardo de Almeida.....	»
102 Joseº Ribeiro Riba.....	»
103 Alexandre Pereira de Araujo.....	»
104 Manoel Ferreira de Souza.....	»
105 Manoel Mendes de Souza.....	»

\* Cap.º Roberto Neves de Brito, foi um dos signatarios da acta da inauguração da Villa-Rica.

106 Francisco Meirelles.....	1718
107 Manoel Francisco Lisboa.....	»
108 João da Costa Pais.....	»
109 Viga.º Licenciado Bento Soares da Fonseca.....	»
110 Manoel de Souza Vieira.....	»
111 Bathazar Nunes.....	»
112 Simão de Almeida Costa.....	»

## 1719

113 Bento Soares de Souza.....	1719
114 Antonio da Silva Antunes.....	»
115 Manoel da Motta.....	»
116 Luiz Vaz do Palhares.....	»
117 C.º Antonio Pimenta da Costa (*).....	»
118 João da Costa Pereira.....	»
119 Antonio Loureyse.....	»
120 Pedro Ennes Souto.....	»
121 João Pereira de Araujo.....	»

## 1720

122 João Marques da Silva.....	1720
123 Alfr.º João Pinheiro da Silva.....	»

## 1721

124 João Rodrigues de Miranda.....	1721
125 Manoel Gonçalves Taboleiro.....	»

## 1722

126 João Gonçalves Fernandes.....	1722
127 João Dias.....	»
128 Ajudan.º Joseº Duarte.....	»
129 Antonio Ferreira da Costa.....	»
130 Henrique Pereira.....	»
131 Manoel da Costa.....	»
132 Manoel Pereira Cardozo.....	»

(\*) C.º Antonio Pimenta da Costa, foi um dos mais proeminentes vultos da parochia, nos 1.ºs annos de sua organização, onde residiu por mais de 50 annos, tendo occupado por diversas vezes importantes cargos na Irmandade do Sacramento. Deixou numerosa descendencia que ainda hoje conta representantes nesta parochia e em outros pontos do Brasil — Na descendencia do C.º Pimenta, desde os tempos coloniaes, contam-se diversos sacerdotes, militares e alguns bachareis formados em Portugal. Era natural de Entre Douro e Minho, em Portugal, casou-se nesta freguezia a 30 de Abril de 1719 com a Pernambucana D.ª Theresa de Jesus, sendo testemunha o Cap.º Domingos Gonçalves Cruz e o Cap.º Luiz Soares de Meirelles. Falleceu em 1777.

## 1723

131 Manoel Gonçalves de Aguiar.....	1723
131 Manoel Andre.....	"
135 Domingos Alves de Souza.....	"
136 Simão Gonçalves Barreto.....	"
137 José Carneiro da Cunha.....	"
138 Fructuoso da Silva.....	"
139 Andre Rodrigues Senna.....	"
140 João Pereira Valverde.....	"
141 João Franco.....	"
142 Domingos de Souza de Oliveira.....	"
143 Mathias Duarte de Souza.....	"
144 José Rodrigues de Oliveira.....	"
145 João Rodrigues Ferreira.....	"
146 Domingos de Oliveira e Souza.....	"

## 1724

147 Cap.º Manoel de Medeiros.....	1724
148 Lucas Rodrigues.....	"
149 Cap.º João Coelho Ferreira.....	"
150 Manoel Francisco da Silva.....	"
151 Gaspar Dias Fernandes.....	"
152 Luiz Fernandes de Araujo.....	"
153 Manoel Lopes da Silva.....	"
154 José dos Santos Silva.....	"
155 Manoel de Almeida Godinho.....	"
156 Marcos Francisco Passos.....	"
157 Manoel dos Santos Amorim.....	"
158 Luiz de Souza da Silva.....	"
159 Antonio de Souza Vasconcellos.....	"

## 1724

160 Estevão da Cunha de Freitas.....	1724
161 Nicolau Ribeiro.....	"
162 Bartholomeu Alvares da Silva.....	"
163 José Pais Tavares.....	"
164 Sargen.º Mor Manoel Martins F.ª.....	"
165 Manoel de Freitas Rodrigues.....	"
166 Antonio Nunes Ferreira.....	"
167 Pedro Vicente de Araujo.....	"
168 Manoel Pinto Campos.....	"
169 Alexandre Cordeiro de Araujo.....	"
170 Manoel Lopes da Silva.....	"
171 José dos Santos Silva.....	"
172 Manoel de Almeida Godinho.....	"
173 Cap.º Manoel Fernandes Rosa.....	"

174 Manoel Ribeiro dos Santos.....	1724
175 João da Silva Lemos.....	"
176 José Fernandes de Britto.....	"
177 P.º Damaso Pereira da Silva.....	"
178 Manoel Vaz Ferreira.....	"
179 Francisco dos Reis Lisboa.....	"
180 João da Silva Bastos.....	"
181 João Carvalho da Cunha.....	"
182 Antonio Gonçalves Portella.....	"
183 Martinho Peixoto de Souza Tavora.....	"
184 Manoel Freire de Souza.....	"
185 Agostinho Jorge.....	"
186 Jacintho Borges.....	"
187 Sargen.º Mor Gabriel da Silva Pereira.....	"
188 Manoel Rodrigues de Aguiar.....	"
189 Manoel Coelho Vianna.....	"
190 João da Silva Braga.....	"
191 João Gonçalves Lavrador.....	"
192 Bernardo da Rocha.....	"
193 Domingos Fernandes da Silva.....	"
194 Gabriel Guedes.....	"
195 Manoel Bernardes dos Santos.....	"
196 João Nogueira.....	"
197 Affonso Soares Godinho.....	"
198 Cactano Pinto da Silva.....	"
199 Francisco Martins de Mattos.....	"
200 Licenciado Manoel Baptista Botelho.....	1726
201 Lazaro Pacheco.....	1726

A mesa administrativa de 1725 para 1726 effectuou as obras da tribuna (coro) concluiu e aperfeiçoou outras sendo provedor o Cap.º Francisco Barbosa de Castro, Secretario Luiz de Souza da Silva, thesorero Domingos Rodrigues Moreira, Procnradores o Ajudante José Duarte e o Alfr.º João Pinheiro da Silva.

## IRMÃOS DE MEZA

- 1 Cap.º Mor José Luiz Sol.
- 2 Vigr.º Licencia.º Bento Soares da Fonseca.
- 3 Marcos Francisco Passos.
- 4 Cap.º Manoel de Medeiros.
- 5 Affonso Soares Godinho.
- 6 Jeronimo Vaz Netto.
- 7 João Gonçalves Fernandes.
- 8 Cap.º João Duarte Cabral.
- 9 João da Silva Lemos.
- 10 Manoel Fernandes Costa.

- 11 Cap.<sup>m</sup> Manoel Fernandes Rosa.
- 12 Bento Soares.
- 13 Manoel de Freitas Reis.
- 14 Cap.<sup>m</sup> Bartholomeu Alves da Silva.
- 15 Manoel dos Santos Amorim.
- 16 Amaro Martins Chaves.
- 17 Miguel Gonçalves do Aguiar.
- 18 Alexandre Pereira do Araujo.
- 19 Manoel...
- 20 Manoel da Costa Pereira.
- 21 Francisco...
- 22 Francisco...
- 23 Manoel...
- 24 Antonio...

A mosa que continuou as obras de 1726 — a 1727 requereu ao juiz para que continuasse como provedor no anno seguinte o mesmo Cap.<sup>m</sup> Francisco Barbosa de Castro, «para assim continuar elle o beneficio que tinha feito, levando a termo a obra encetada».

Foram eleitos, Secretario Cap.<sup>m</sup> Antonio Pimenta da Costa, thesoureiro Cap.<sup>m</sup> Antonio Caetano de Souza, procuradores Cap.<sup>m</sup> Manoel Pereira Pinto e Cap.<sup>m</sup> Domingos Alves Pinto.

#### IRMÃOS DE MEZA

- 1 Cap.<sup>m</sup> Francisco Pinto.
- 2 Cap.<sup>m</sup> Antonio de Barros.
- 3 Domingos Alves de Sousa.
- 4 Thomaz Carneiro.
- 5 Manoel...
- 6 Manoel...
- 7 João Correa.
- 8 Francisco Marques.
- 9 Licencia.<sup>do</sup> Manoel Baptista Botelho.
- 10 Manoel do Souza Braz.
- 11 Francisco Antonio.
- 12 Cap.<sup>m</sup> João Coelho Ferreira.
- 13 Fructuoso da Silva.
- 14 João Pereira Pacheco.
- 15 Antonio da Rocha.
- 16 João Rodrigues.
- 17 Manoel Teixeira de Magalhães. (\*)

(\*) Manoel Teixeira de Magalhães, mudou-se para Villa Rica, e, cremos, foi o treco da familia Teixeira Magalhães, de Ouro Preto.

- 18 João de Almeida Costa.
- 19 Manoel Ribeiro dos Santos.

#### 1727 - 1800

O acontecimento de summa e decisiva importancia para os futuros destinos de Cachoeira do Campo, foi sem duvida, a escolha que deste lugar fizeram os Governadores da antiga Capitania, para ali edificarem aprazivel Casa de Campo, onde, de quando em quando, vinham repoiar das preoccupações e fadigas do governo, respirando o ar puro e salutar de nossas campinas, entregues aos innocentes folguedos e diversões que lhes proporcionavam as bellezas da natureza, a amenidade do clima e o socego e doce paz da solidão, longe do estrepito e continuo movimento que agitam e conturbam os grandes centros civilizados. E, na verdade, não encerrando em seu seio esses portentosos thesouros que, apenas revelados ao mundo, fazem logo surgir de medonhas brenhas avultados centros de vida, movimento e trabalho, Cachoeira teria talvez de arrastar vida ingloria e sem nome, se não fôra eleita para residencia, ainda que transitoria, desses senhores absolutos do paiz do ouro e dos diamantes. E de facto, nas temporadas em que ali veranearam os faustosos Governadores, acompanhados de suas nobres familias e esplendido sequito do governo, Cachoeira transformava-se em pequena e lusida côrte, em que a riqueza dos trajos, o esplendor das baixelas, o aparato das equipagens, o brilhar do ouro, o scintillar dos diamantes casavam-se admiravelmente com a belleza do céu, com a formosura das flores, o hymno das aves, o murmurio das fontes, compondo um painel deslumbrante e encantador, moldurado n'um horisonte infindo esmaltado de scintillantes bellezas.

Ja em 1720 tendo de levantar-se na Capitania as casas de fundição, o governador, Conde de Assumar, de accordo com o director das mesmas, Eugenio Freire de Andrade, expoz em carta ao Rei de Portugal a conveniencia de ser a referida casa construida na Cachoeira do Campo, para onde tambem se devia transferir a residencia dos Governadores, com o que — «se conseguiria toda a segurança e commodidades, por ficar Cachoeira no centro das Comarcas, entre campos dilatados, que não só davam pastos aos cavallos, (cousa difficultosa de encontrar em outra parte), mas tambem facilitavam as operações, em occasião de levante, e tolhiam emboscadas — O sitio de mais a mais abundava de mantimentos».

«Porém deste propósito parecia divertil-os a resistencia do povo da Villa, e a falta de cabedacs, por não ser bastante para a obra, a quantia de 11 mil oitavas offerecida pela Camara, a não se ajudarem do quinto, e a não lançarem sobre os moradores de Ouro Preto finta para saldar qualquer pequeno deficit. O povo, pelo contrario, lembrou a necessidade do lenhas e carvões, que a Cachoeira não subministrava, o que fôz com que o Governador desse conta a esse respeito em carta de 30 de Setembro» — Assim as *memorias*, na Revista do Arch. Mineiro — anno VI — pag. 802. — Como se vê esse auspicioso projecto, perfeitamente exequivo! n'aquelle tempo em que tudo estava por se fazer na antiga sédo da Capitania, não deixou de encontrar soria opposição, como era natural; não foi porem levado a execução só e unicamente, porque não querendo o Governo effectuar a obra só a custa do real orario, precisava para isso do efficaz auxilio da Camara, e a esta não lhe servia o projecto da maneira que estava delineado. Assim, em vez de transferir-se para Cachoeira a sédo do governo,ahi se levantou apenas a referida Casa de Campo, geralmente denominada *palacio*, em lugar aprazivel, no extremo do Arraial a que está ligado por solida e bom construida ponte de pedra e cal.

Este *palacio* dos antigos Governadores não primava, é certo, por sua vastidão, ou por sua belleza architectonica — Grande sobrado, circumdado de outros edificios para abrigo dos creados, ordenanças etc. tendo na frente um pateo murado, e ao lado um modesto chafariz — eis tudo.

O que porem constituia o encanto e attractivo dessa estancia campestre, eram as bellezas naturaes: — os vastos jardins, as cascatas, o lago artificial, e n'isso esse conjuncto de pequenas e bellas cousas, que são o encanto e o enlevo da vida campezina. O palacio da Cachoeira era a residencia predilecta do Visconde de Barbacena, que segundo é tradição, tanto se comprazia nessa estancia, que ahi se demorava maior parte do anno, só indo a Villa Rica quando negocios da administração publica reclamavam sua presença — As singellas parodes do modesto palacio da Cachoeira foram, por isso, as testemunhas mudas da 1.ª scena desse drama de sangue e lagrimas, que com o nome de *inconfidência*, se desenrolou sobre a terra mineira, levando o lucto, a desolação e a dor a muitas e mui illustres familias da Capitania. Aos 15 de Março de 1789, no paço da Cachoeira compareceu o exoravel C.º Joaquim Silverio dos Reis, e aos ouvidos do suspeitoso Governador leva a completa, e talvez exagerada, revelação do quanto sabia a respeito de tudo que architectavam os conjurados em prol da independencia da patria, segredo que o perfido arrancara aos conjurados na confidencia da amizade e, que elle sem dó e sem remorsos ia oficialmente revelar lançando assim na ultima desgraça ás incantadas victimas que n'ello tanto haviam confiado. Ouvida a denuncia, o Governador manda que o delator a ponha por escripto, o que elle faz em carta datada de Borda do Campo, em 11 de Abril, e entregue

na Cachoeira os 19 do mesmo mez. Bem conhecida é do publico essa carta-denuncia; transcrevemos-a aqui somente por ser o logar proprio: — «Ill.º Ex.º Sr.º Visconde de Barbacena — Meu Senhor: — Pela forçosa obrigação que tenho de ser leal vassallo á nossa augusta soberana, ainda apesar de se me tirar a vida, como logo se me protestou na occasião em que fui convidado para a sublevação que se intenta, o promptamente passei a pôr na presença de V. Ex. o seguinte: — Em o mez de Fevereiro deste presente anno, vindo da revista do meu regimento, encontrei no arraial da Lage o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, e fallando-me em que se botarão abaixo os novos regimentos, porque V. Ex. assim o havia dito, é verdade que eu me mostrei sentido e queixei-me de sua magestade, que me tinha enganado, porque, em nome da dita Senhora, se me havia dado uma patente de coronel chefe do meu regimento, e com o qual me tinha desvolado, em o regular o fardar, e grande parte á minha custa, e que não podia levar á paciencia ver reduzido a uma inacção todo o fructo de meu desvelo, sem que eu tivesse faltas do real serviço e juntando mais algumas palavras em desafogo da minha paixão. Foi Deus servido que isto acontecesse para se conhecer a falsidade que se fulmina. No mesmo dia viemos dormir á casa do capitão José de Rezende, e, chamando-me a um quarto particular, de noite o dito sargento-mór Luiz Vaz, pensando que o meu animo estava disposto para seguir a nova conjuração, pelos sentimentos das queixas que me tinha ouvido, passa o dito sargento-mór a participar-me, debaixo de todo o segredo, o seguinte: — Que o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, primeiro cabeça da conjuração, havia acabado o logar de ouvidor dessa comarca, e que, nesse posto, se achava há muitos mezes nessa villa, sem se recolher a seu logar, na Bahia, com o frivolo pretexto de um casamento, que tudo é idéa, porque já se achava fabricando leis para o novo regimen da sublevação, e que tinha disposto na forma seguinte:

Procurou o dito Gonzaga o partido e união do coronel Ignacio José de Alvaronga e o Padre José da Silva de Oliveira e outros mais todos filhos da America, valendo-se para reduzir a outros do alferes (pago) Joaquim José da Silva Xavier, e que o dito Gonzaga havia disposto da forma seguinte: o que o dito coronel Alvaronga havia mandar 200 homens, pés rapados, da Campanha, paragem aonde mora o dito coronel, e outros 200 o dito padre José da Silva, e que haviam acompanhar a estes varios sujeitos, que já passam de 60, dos principaes destas minas e que estes pés rapados haviam vir armados de espingardas e fouceas, e que não haviam vir juntos, por não causar desconfiança, e que estivessem dispersos, porem perto de Villa Rica, e promptos á primeira voz, e que a senha para o assalto, que haviam ter cartas, dizendo tal dia é o baptisado, e que podiam ir seguros porque o commandante da tropa paga, o tenente-coronel Francisco de Paula, estava pela parte do levante, e mais alguns officiaes ainda que o mesmo sargento-mór me disse, que o dito Gonzaga e seus par-

ciacs, estavam desgostosos pela frouxidão que encontravam no dito commandante, que por essa causa se não tinha concluido o dito levanto; e que a primeira cabeça que se havia de cortar era a de V. Ex., e depois, pegando-lhe pelos cabellos, se havia fazer uma falla ao povo, cuja já estava escripta pelo dito Gonzaga, e para socogar o dito povo se haviam levantar os tributos, e que logo se passaria a cortar a cabeça ao ouvidor dessa Villa Pedro José de Araujo, e ao escriptão da junta Carlos José da Silva, e ao ajudante de ordens Antonio Xavier, porque estes haviam seguir o partido de V. Ex., e que, como o intendente era amigo dello dito Gonzaga, haviam ver se o reduziam a seguir-os, quando duvidassem tambem, se lho cortaria a cabeça. Para este intento me convidaram, e se me pediu mandasse vir alguns barris de polvora, e que outros já tinham mandado vir, e que procuravam o meu partido por saborem que eu devia á S. Magestade quantia avultada, e que esta logo me seria perdoada, e que como eu tinha muitas fazendas, e 200 e tantos escravos, me seguraram fazer um dos grandes; e o dito sargento-mór me declarou varias entradas neste levanto; e que se eu descobrisse se me haviam tirar a vida, como já tinham feito a certo sujeito da comarca de Sabará. Passados poucos dias, fui á villa de S. José, donde o vigario da mesma, Carlos Corrêa, me fez certo quanto o dito sargento-mór me havia contado e disse-me mais, que era tão certo, que estando elle dito prompto para seguir para Portugal, para o que já havia feito demissão da sua igreja, e seu irmão, e que o dito Gonzaga lhe embarçava a jornada, fazendo-lhe certo que com brevidade cá e poderiam fazer feliz, e que por este motivo suspendora a viagem. Disse-me o dito vigario, que vira a já parte das novas leis, fabricadas pelo dito Gonzaga, e que tudo lhe agradava, menos a determinação de matarom a V. Ex., e que elle dito vigario dera o parecer ao dito Gonzaga, que mandasse antes a V. Ex., botal-o da Parybuna abaixo, e mais á senhora viscondessa e seus moninos, porque V. Ex. em nada era espadado, e que se compadecia do desamparo em que ficava a dita senhora e seus filhos, com a falta do seu pai, ao que lhe respondeu o dito Gonzaga, que era a primeira cabeça que se havia de cortar, porque o bom commum prevalece ao particular, e que os povos que ostivessem noutraes, logo que vissem o seu general morto, se unirão ao seu partido. Fez-me certo este vigario, que para esta conjuração trabalhava fortemente o dito alferes, pago, Joaquim José Xavier, e que já naquella comarca tinham unido a seu partido um grande sequito, e que logo havia partir para a capital do Rio de Janeiro a dispor alguns sujeitos, pois o seu intento era tambem cortar a cabeça ao senhor vice-rei, e que já na dita cidade tinham bastantes parciaes. Meu senhor, eu encontrei o dito alferes, em dias de Março, em marcha para aquella cidade, e pelas palavras que me disse, me fez certo o seu intento que levava, e consta-me, por alguns da parcialidade, que o dito alferes se acha trabalhando, isto particularmente, e que a demora desta conjuração era emquanto

se não publicava a derrama; porém, que, quando tardasse, sempre se faria. Ponho todos estes tão importantes particulares na presença de V. Ex., pela obrigação que tenho da fidelidade, não porque o meu instincto nem vontade sejam de ver a ruína de pessoa alguma, e que espero em Deus, que o bom discurso de V. Ex. ha de acantelar tudo e dar as providencias sem perdição dos vassallos. O premio que peço tão somente a V. Ex. é o rogar-lhe que pelo amor de Deus, se não perca a ninguém. Meu Senhor, mais algumas cousas tenho colhido e vou continuando na mesma diligencia, e que tudo farei ver a V. Ex., para o bom exito de tudo.

Beija os pés de V. Ex. o mais humilde subdito.—Joaquim Silverio dos Reis, coronel da cavallaria das Geraes. Borda de Campo, 11 de Abril de 1789.

Nota — Escripta Na Cachoeira e entregue pessoalmente no dia 19 de Abril —>

Esta denuncia foi a 1.ª luz que guiou os tigres do governo no oncalso das pobres victimas, cumprindo-se ainda na pessoa do desalmado denunciante uma circumstancia que ainda mais saliente tornava a sua perfeita semelhança com; o seu digno antecessor, o execrando Iscariotes, e foi ter-se elle mesmo offercido, ou terem-n'o obrigado a servir de guia aos esbirros reaes em busca dos conjurados, nomeadamente o intemerato Tiradentes, que pela confidencia da amisado, o traidor sabia achar-se no Rio de Janeiro todo empenhado na realização dos levantados projectos que abrazavam-lhe a alma, absarviam-lhe o espirito a ponto de fazel-o ultrapassar as raias da prudencia e circumspecção, cautelas de todo indispensaveis para que a bom termo cheguem projectos tão levantados quão perigosos e arriscacos, mormente naquello tempo de ferrenho despotismo em que uma simples palavra proferida no segredo do lar contra o Rei ou seus immediatos representantes era ás vozes tremendo artigo de condemnação por e bastante para levar seu incauto e imprudente auctor ás masmorras e ao mesmo cadafalso. Não sabemos que parte tomaram os Cachoeirenses na conjuração Mineira, mas vivendo ollos ao pé da morada do omnipotente Governador, é natural que, muitos, especialmente os genuinamente portuguezes, mais pondessom para o lado do poder, principalmente porque para as almas crentes e timoratas, por mais despoticos e crueis que se mostrassem as vozes os Governantes, nem por isso deixavam de aparecer á seus olhos como os legitimus representantes da auctoridade. Sabemos contudo que no dia da catastrophe houve um Cachoeirense cujo coração sensivel, no meio do pasmo e geral terror, soube compadecer se da 1.ª e illustre victima da vindicta do poder dominante: — foi o Re.º P.º Vital Jose do Valle, então Vigario da Vara em Ouro Preto mas nascido na Cacheira, o qual diz « tradição, no dia do morto do D.º Claudio, fôra a noite, se acompanhado do Sachristão da matriz, exhumar do chão profano o cadaver do infeliz poo-

ta, seu intimo amigo, para dar-lhe condigna sepultura no logar sagrado. (\*) Sobre este acto humano attribuido ao digno P.<sup>o</sup> Vital, externarei a minha opinião individual. Posto que investido de algum poder como Vigario Foraneo, mas residindo a pequena distancia da suprema auctoridade diocesana, unica competente para resolver em ultima instancia o melindroso caso, não é de presumir-se que o caridoso sacerdote quizesse tomar sobre si, a responsabilidade de exumar, para dar-lhe abrigo no sagrado, o cadaver do individuo talvez innocente, mas que descera a campa maculado com o estigma do suicida e que, demais a mais, fora sepultado por ordem da auctoridade publica como réo do lesa-magestade; razão está que por certo não deixaria de chamar sobre a cabeça do Re.<sup>do</sup> Vital os raies das vinganças do Alto, caso houvesse elle, como dizem, praticado essa obra de misericórdia, isto com mais subida razão nesse monstruoso processo da inconfiança em que a mais leve sombra de cumplicidade era razão bastante para enredar qualquer innocente nas tremendas malhas da implacavel justiça. O que houve de verdade foi que o Re.<sup>do</sup> Vital, como amigo do poeta, e mais que tudo como seu pastor e pae espiritual iria á noite, a boira da campa dessa sua desgraçada ovelha que tão desastrosamente desaparecera nas sombras do tumulto, isto não só, para render-lhe os ultimos preitos de amizade, e mais ainda por suffragar-lhe a alma com as suavissimas preces que a Igreja, como mãe caridosa, somente recusa aos filhos rebeldes e ingratos que chegam até os terminos da vida, desprezando obstinados sous ternos convites, e recusando pertinazes e impornitentes as graças que ella paciente e amorosa não deixa de offerecer-lhos até o ultimo alento. Esse acto de caridade do P.<sup>o</sup> Vital, honroso para elle veiu tambem expungir da memoria do finado poeta, esse estigma que lhe estampara o misterio de sua triste morte.

Portanto, ou o infeliz poeta foi, de facto, barbaramente assassinado no carcere, como opinam alguns, ou, já acabrunhado pelos annos e enfermidade, esmagado emfim pela ultima e colossal desgraça que de chofre despenhara-se sobre sua cabeça illustre, transviara-se-lhe emfim a razão ao tremendo choquo de tantas desventuras, e, louco inconsciente, precipitar-se-ia talvez no abysmo do proprio aniquilamento, fugindo do medonho espectro de uma morte infame no alto do patibulo, sendo em uma e outra hypotheses mais digno de compaixão e lastima do que execração.

### Quartel

A'ém do palacio para residencia dos Capitães Generaes, construido pelos annos de de 1731 como se lê em uma inscripção collocada sobre a janolla do 1.<sup>o</sup> pavimento da frente, edificou-se tambem em Cachoeira

(\*) Almanak de Minas, de 1864, pag. 58.

eira um quartel para os soldados de cavallaria denominados dragões, transferindo-se tambem para as vastas pastagens da mesma fazenda real os cavallos que até o anno de 1738 eram tratados nos pastos do Riboirão do Carmo.

Antes do novo quartel, hoje Collegio Dom Bosco, houve na area da mesma fazenda outro, mais antigo, de madeira, e do qual nada mais resta.

O novo sitoado em uma graciosa collina, a dois kilometros do arraial da Cachoeira, foi mandado construir em 1779 pelo Governador Dom Antonio de Noronha, que da metropole trouxera especiaes instrucções para a disciplina e reorganização das tropas reais da Capitania, talvez porque nas longinhas margens do Tojo, a boira do throno, na apparatusa Lisboa, apareciam já, alguns signaes indicativos e reveladores das chammas de independencia e liberdade que abraçavam os corações dos vassallos americanos, chamas que em breve, fatalmente explodiriam em franca e temerosa revolta. O quartel, pois, da Cachoeira foi erguido como um ponto estrategico, como uma base de operações, onde congregados fortes contingentes, com facilidade e rapidez poderiam cair sobre a capital, ou sobre qualquer outro ponto onde a tranquillidade publica se visse ameaçada, ficando tambem os dragões d'El-Rei, em seu retiro da Cachoeira, completamente segregados e ao abrigo de qualquer pernicioso influencia a que em seus animos quizesse insular algum caudilho ou chefe de revoltas. E, com effeito, collocado na base da Serra dos Moraes que prolonga-se, e quasi encadeia-se á do Ouro Preto, com a pequena intercepção do rio Tabuões—, o Quartel da Cachoeira é na verdade um ponto strategico por excellencia, principalmente para a defesa da antiga Capital, como bem previu o Conde de Assumar, previsão que ainda uma vez teve a sua confirmação, por occasião da sedição militar de Ouro Preto em 1833, pois que a occupação do ponto da Cachoeira pelas forças legaes foi o golpe de morte desfechado sobre os sediciosos agora entalados entre as serranias da Capital, sem communicação, sem viveros, emquanto que, se esse importante ponto fosse previamente occupado pelos insurgentes, como pretendiam, e tenazmente defendido e conservado por numerosas forças, outra seria a posição e a sorte do exercito legal, que antes de poder penetrar em Ouro Preto teria de vencer os temerosos desfiladeiros da serra, que guarnecida por forças postadas em seus cimos, seriam quasi inexpugnaveis. O edificio do quartel formava um vasto quadrilatero de grossas paredes de pedra e cal, de um só pavimento, excepto a da frente em cujo centro erguia-se um pequeno sobrado, destinado ao Estado-maior, e demolido pelos Re.<sup>dos</sup> P.<sup>os</sup> salesianos e hoje substituido por uma fachada mais elevada e elegante. Occupa o centro desse quadrilatero vasto paeo, com um chafariz no centro, e em cada angulo das quatro paredes lateraes erguiam-se pequenos torreões, hoje tambem demolidos. No centro do pequeno sobrado de que fallamos havia um escudo de pe-

dra azul encimado pela corôa portugueza com a seguinte inscripção:  
— «Esta obra mandou fazer o Ex.<sup>mo</sup> Sn.<sup>or</sup> Dom Antonio de Noronha,  
Governador e Cap.<sup>m</sup> General desta Capitania.

Anno de 1779.»

### Matriz

Na 1.<sup>a</sup> parte deste escripto dissemos que em 1725 a matriz já estava construída, em sua maior parte, faltando somente algumas obras de ornamentação interna, o que confirmam os actos das 1.<sup>as</sup> visitas pastoraes que a esta parochia fizeram os Ex.<sup>mos</sup> Sn.<sup>rs</sup> Bispos diocesanos; e com effeito, em sua 1.<sup>a</sup> e ultima visita em 1727 o Ex.<sup>mo</sup> Snr' Dom Antonio de Guadalupe nada encontrou digno de censura quanto ao estado da matriz, notando sómente a falta da pia baptismal, com as respectivas grados, que elle ordenou se fizessem dentro de 3 mezes; por sua parte o 1.<sup>o</sup> bispo desta diocese de Marianna Dom Frey Manoel da Cruz, em sua 1.<sup>a</sup> visita a esta parochia em 1753, mostrou-se plenamente satisfeito com o estado em que encontrou a matriz, seu asseio e ornato, louvando por isso ao parochio e seus parochianos; eis as suas palavras: Dom Frey Manoel da Cruz, da ordem do Doutor molillo S. Bernardo etc.

Fazemos saber que aos 13 de Junho do presente anno de 1753, visitamos pessoalmente a igreja desta freguezia de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Nazareth da Cachoeira, na presença do parochio della o Re.<sup>do</sup> Jeronymo Cardoso Mainarte, clero, irmandades e povo da mesma freguezia, e achamos o Sacario, pia baptismal santos oléos, altares e ornamentos com especial decencia, e no parochio promptidão na administração dos Sacramentos aos seus freguezes, ensinando-lhes a doutrina Christen, e fazendo-lhes praticas nas estações de que lhe damos o merecido louvor, e lhe recommendamos muito afervore aos seus parochianos no exercicio da oração mental, por ser esse meio quasi necessario para a consecução da Bemaventurança, a que todos somos chamados; e louvamos muito aos freguezes desta freguezia o zelo e fervor com que se esmeram no ornato e augmento da sua igreja, no que certamente grangearão muitos merecimentos nesta vida e na outra superabundantes premios etc. — No anno de 1744 a irmandade do S. S. Sacramento mandou fazer 4 grandes e ricas palmas de prata para o altar mor, lanternas e outros objectos do mesmo metal; foi autor dessas obras Rodrigo de Brum que pelo nome parece, ora um desses poucos estrangeiros que illadindo a vigilancia do governo colonial atravessando o sortão desde a Bahia e Pernambuco, penetravam até o centro da Capitania, sendo certo que grande parte dos 1.<sup>os</sup> povoadores da Cachoeira eram oriundos dessas duas Capitánias.

Neste anno eram mezarios os seguintes irmãos:

Provedor C.<sup>el</sup> João Lobo Leite Pereira; Secretario Cap.<sup>m</sup> Domingos da Costa Guimarães; Secretario Gervazio de Mello; Procurador Ma-

neol de Oliveira Sandy — Irmãos de Meza: — Fran.<sup>co</sup> Rodrigues Lamas, Jose de Oliveira Lessa, Ant.<sup>o</sup> Mateus Henriques, M.<sup>el</sup> Roiz' Casado, Ant.<sup>o</sup> Marinho, Jeronimo Cab.<sup>al</sup>, Fran.<sup>co</sup> Man.<sup>el</sup> Borges, Theodosio do Valle, Luiz Alvarez, Bartholomeu Alvares da Silva, Francisco Jose Marques Manoel Alves de Carvalho.

No anno de 1752 a irmandade manda fazer as arcadas do côro de talha dourada em parte, o frontespicio ou arco cruzeiro todo de talha dourada tendo no cimo uma tarja ou escudo encimado pela corôa de Portugal, e outras pequenas obras de ornato — Esta obra foi arrematada pelos operarios seguintes: — Americo Machado e Manoel Rodrigues.

Nesse anno eram mezarios os seguintes irmãos: — Provedor Antonio Tavora; Secretario Manoel Rodrigues Casado; Thesoureiro Bernardo Moreira dos S.<sup>tos</sup>. Irm.<sup>os</sup> de meza, Cap.<sup>m</sup> Antonio Rodrigues Coelho, Antonio de Mello, Domingos da Costa Romão, T.<sup>de</sup> de Dragões Antonio Thomaz da Cos.<sup>ta</sup>, Manoel; Ribeiro dos S.<sup>tos</sup>, Manoel Machado, Cap.<sup>m</sup> Manoel de Medol.<sup>ros</sup> Rosa, Fran.<sup>co</sup> Fernandes Marques, Licencia.<sup>do</sup> Miguel da Silva Sampaio, Cap.<sup>m</sup> Manoel de Souza Ribeiro; Sarg. M.<sup>or</sup> Domingos da Silva.<sup>a</sup> Neves, Alf.<sup>es</sup> M.<sup>el</sup> Marinho Monteiro, Cap.<sup>m</sup> Bartholomeu Alvares da Silva, Manoel Fernan.<sup>des</sup> Vianna, Alferes Domingos Casemiro da Silva.

Neste anno de 1755 a irmandade mandou fazer a pintura de todo o tecto da igreja, paredes lateraes da Capella mór e côro. Esse trabalho foi tomado pelo pintor Antonio Rodrigues pela quantia de um conto e duzentos mil rs.; quantia que foi ainda augmentada com o acrescimo de obras além do contracto, e que nos parece bastante elevado attento o valor da moeda naquella epocha. Os mezarios desse anno e dos seguintes, concordaram em applicar suas joias para a dita pintura eram os seguintes:

Thesoureiro José Rodrigues Marques; Procurador Jacintho Coelho da Silva; Secretario Luiz da Silva Valle; Antonio Pimenta da Costa, José Pereira Passos.

Concorreram para as obras da pintura da matriz, em 1756, os seguintes irmãos:

Provedor Manoel de Souza Ribeiro.....	200:000
Secretario Alferes Bento Rebello.....	40:000
Thesoureiro Agostinho Soares Barros.....	40:000
S. Mor Jacintho Coelho.....	>
Irmãos—Matheus da Costa.....	>
» Manoel de Moura G.....	>
Luiz Antonio Lobo Leite Pereira.....	>
Pedro da Silva Porto.....	40:000
Manoel Machado Ferreira.....	>
Manoel de Freitas Bastos.....	>
Jose' Rodrigues Viegas.....	>
Francisco da Silva Rodrigues.....	>

Antonio Ferreira Vimleiro.....	40:000
Lino Peixoto.....	»
Felix Ferreira de Moraes.....	»
Manoel Fernandes Pereira — no Sardinha.....	»
Manoel Ferreira.....	»
Martinho de Medeiros.....	»
Jeronymo Cabral.....	»
Antonio Ferr.ª Pedrosa.....	»
Manoel Ferreira de Aguiar.....	»
João de Araújo Silveira.....	»
Antonio Borges.....	»
Antonio Luiz Lessa.....	»

## No anno de 1757:

Provedor Cap.ª Francisco da Costa Pereira.....	200:000
Thesoureiro Antonio da Costa Peixoto.....	100:000
Secretario Francisco Gomes de.....	80:000
Irmãos—Manoel de Souza Ribeiro.....	40:000
Manoel Carlos da Silveira.....	»
Francisco da Costa Pereira.....	»
Francisco Gomes de Moura.....	»
Antonio de Castro Peixoto.....	»
Manoel de Souza Ribeiro.....	»
Manoel Carlos da Silveira.....	»
Bartholomeu Machado.....	»
Manoel Simões Branco.....	»
Cyprianno Gomes Figueira.....	»
Antonio dos Santos.....	»
Manoel de Abreu.....	»
Alf.ª Manoel Gonçalves Barros.....	»
Paschoal Rodrigues Seixas.....	»

Entre os annos de 1755 e 1792 a irmandade executou algumas pequenas obras na matriz, adquiriu um grande relógio para a sacristia, e outros objectos para o culto divino.

O 1.º vigário da Casa Branca, foi o P.º Antonio Curvello Delgado desde o mez de Agosto de 1719 até Novembro de 1721, em que retirou-se da parochia—Será este P.º Curvello o mesmo que deixando a freguezia de Casa Branca, foi fundar a Capella do Curvello, ou será outro seu contemporaneo de igual nome? Sendo o mesmo seu verdadeiro sobrenome, é Delgado e não *Avila* como vem na Historia Antiga de Minas Geraes, pg. 317. No mesmo livro 1.º dos assentos parochiaes da freguezia da Casa Branca—pg. 132—encontra-se um documento assaz honroso para o mesmo P.º A. Curvello, é uma declaração passada pelo R.º Licenciado, Antonio de Pinna, vigário da vara de Ouro Preto, na occasião em que aquelle P.º ao terminar o periodo de sua administração parochial, apresentou-lhe a conta da fabrica de sua matriz, nos 2 annos de seu parochiato. Esse documento nos revela tambem que a actual matriz da Casa Branca, ao me-

nos em parte, foi edificada durante a regencia parochial do mesmo Rev.º 1.º Curvello de 1719 a 1721, o qual por isso com justiça deve ser contado no numero dos bemfeitores e principaes fundadores dessa freguezia. Desse documento transcrevemos aqui somente o trecho mais importante, deixando de parte tudo quanto se refere a tomada de contas. «Aos 18 de Setembro de 1721, nesta Villa Rica, me apresentou o Rev.º Vig.º Antonio Curvello Delgado este livro, pedindo-me, como tinha acabado, me queria dar contas da Fabrica, dos annos que tinha sido Vg.º na freguezia de St.º Antonio do Campo dos Godoys, visto querer se retirar para a cidade e estar eu com demora na visita pelo que, as tomei (...segue-se a exposição das contas...)

«Apresenta mais o Rev.º Vigario um rol das pessoas que não pagaram a Fabrica de que fez já menção na sua conta, e lhe ficam devendo, que são 23.8.<sup>as</sup> e 1/2, que abatendo as 9.8.<sup>as</sup>, ao Rev.º Vig.º fica devendo a Fabrica 14.8.<sup>as</sup> de sua incumbencia, para que o Rev.º Vig.º actual as possa cobrar: e assim dou por ajustada esta conta. E louvo muito ao Rev.º Vig.º o zello e esmola que faz à Egreja, como os desvellos que teve em acariciar os animos dos Freguezes para fazerem à egreja, e assim peço aos taes Freguezes, continuem com o ornato della como são obrigados por filhos da Egreja, que assim merecerão de Dous o premio. Villa Rica.

O Vig. da Vara Antonio Pinna.  
Tijucó—

## Torres

A acta da meza da irmandade do Sacramento em mil sete centos e noventa e dois confirma o que no principio escrevemos, só firmados na tradição oral, com relação ao acto de generosidade praticado pelo benemerito Jacintho Coelho, porquanto si a construcção das 2 torres não correu toda e unicamente a custa desse distinctissimo catholico, é inteiramente certo que, ao menos, a construcção de uma foi effectuada por sua conta, entrando elle para isso por 2 vezes com 200:000 quantia porque foi contractada essa obra, e que não nos parecerá insignificante si attendermos que, pela alteração do valor da moeda, equivaleria hoje a não poucos contos de reis. O que mais despertou nossa admiração nessas actas foi o requerimento que o respectivo Provedor, o mesmo Jacintho Coelho, dirigiu ao D.º Ovidor Geral, como Juiz do Capellas e Residuos, para que desso elle seu *placet* para a construcção das novas torres em substituição das antigas que ameaçavam ruina, e talvez damno do tecto da mesma matriz! Campeava então ousado e sem freio o ferrenho e heretico regalismo, só faltando à El-Rei de Portugal—cingir a mitra e empunhar o baculo pastoral, para assim dominar livre e desassombradamente sobre o temporal e sobre o espirital, qual verdadeiro Prelado leigo

ou papa fóra dos canones, mas podendo intrometter o bedelho nas cousas do Deus e da Igreja quando para isso o instigasse o interesse ou o seu bel-prazer.

Nesse anno de 1792 foram mezarios os seguintes: Provedor o Sargento-Mor Jacintho Coelho da Silva, thesoureiro Gervazio de Souza Lobo; Secretario Manoel José Teixeira Murta; Procuradores...

Concorreram com suas joias para a construcção das torres os seguintes irmãos:

S.-Mór Jacintho Coelho da Silva, por 2 vezes.....	200:000
S. Mor Antonio Jose' Coelho, entrando 2/8 <sup>as</sup> que pagas pelo Rev.º Francisco Gomes de Moura, juntas a sua promessa.....	74:000
Re.º Vigario Manoel Jose' de Oliveira.....	» »
Manoel Lourenço 4/8 <sup>as</sup> .....	40:000
João Gonçalves, na Lagoa do Netto, 4/8.....	40:000
Manoel Carvalho de Queiroz 4/8.....	40:000
Miguel Ferreira Pedroza 5/8.....	60:000
Cardozo 4/8.....	40:000
Manoel Ribeiro Gomes 4/8.....	40:000
Antonio Alves Goes ».....	40:000
Manoel Alvares S. Palo ».....	40:000
Domingos Luiz dos Santos ».....	40:000
Alferes Custodio Jose' Ribeiro, entrando sua esmola de thesoureiro no anno 86 para 87, com a sua promessa de 2/8 <sup>as</sup> ; — 18/8, 1/2, 6.	

No anno de 1790 ergue-se no largo da matriz, bello e grande cruzeiro de pedra tendo n'elle esculpidos os martyrios ou instrumentos da Paixão do Redemptor, com a seguinte inscripção:

« — Senhor salva o povo que remiste, ecce homo. A vossa cruz adoramos Senhor, recordamos vossa paixão — 1790 — ».

Livro das Pastoraes pg. 129:

Mapa da população da Freguezia da Cachoeira do Campo no anno de 1795

Classes	Ate 7 an.	De 7	De 15	De 60	De 90	Total	
Homens.....	a 15	a 60	a 90	a 100	—	120	
Branços.....	44	26	49	1	—	215	
Pardos.....	78	35	84	18	—	64	
» captivos..	13	15	22	14	—		
Pretos livres....	40	20	45	13	—	118	
» captivos..	50	22	486	12	—	570	Homens
							1.087
Mulheres:							
Branças.....	33	3	68	34	—	147	
Pardas livres...	33		22	38	—	109	
» captivas..			20	12	—	60	
Pretas livres....	27	23	27	5	—	77	
» captivas..	40	30	145	9	—	204	Mulheres
							597
Total.....	—	—	—	—	—	—	1.681

Nasceram no dito anno 31; morreram 40.

O excesso de numero de obitos sobre o dos nascimentos é devido a introdução de pretos africanos, que ao chegarem, e mesmo depois de estabelecidos em nosso paiz, morriam em grande numero.

## Parochos

1727 a 1800

Vig. <sup>o</sup> Enc. <sup>o</sup> D. <sup>r</sup> Jose' Pacheco Pereira 1. <sup>o</sup> *	1729—1734
» » Jose' Mathias de Gouvêa 2. <sup>o</sup> *	1734—1739
» » Manoel Caetano Xavier 3. <sup>o</sup> *	1739—1740
» » Manoel Nunes Tavares da Motta.....	1740—1741
» » Manoel Caetano Xavier—2. <sup>o</sup> vez.....	1741—1746
» » D. <sup>r</sup> Paulo de Mascarenhas Coutinho 4. <sup>o</sup> *.....	1746—1748
» » Antonio Pereira de Azevedo.....	1748—1750
» » Jeronymo Cardozo Malnarte.....	1750—1753
Vig. <sup>o</sup> collado — D. <sup>r</sup> Jose' Alves de Niza 5. <sup>o</sup> *.....	1753—1763
» En. <sup>o</sup> Francisco de Aguiar Coutinho.....	1763—1765
» » Jeronimo da Silva Barros.....	1765—1766
» » João Lourenço Feital.....	1766—1768
» Col. <sup>o</sup> Manoel Jose' de Oliveira 6. <sup>o</sup> *.....	1768—1776
» Enc. <sup>o</sup> Jose' Rodrigues Paiva ).....	1776—1783
» » João de Souza Carvalho 7. <sup>o</sup> * ).....	1783—1784
» » João Pimenta da Costa ).....	1784—1788
Vig. <sup>o</sup> Col. <sup>o</sup> Manoel Jose' de Oliveira (continuação).....	1788—1799
» Encom. <sup>o</sup> Faustino Jose' do Valle 8. <sup>o</sup> *.....	1799—1812

## Sacerdotes Capellães e Condutores

P. <sup>o</sup> Bernardo da Cunha.....	1752
» Luiz de Carvalho, Capellão do Tejuco.....	»
» Manoel Bastos da Fonseca.....	1740
» Domingos Moraes Sarmiento.....	»

## NOTA.

- 1.<sup>o</sup>—Portuguez, D.<sup>r</sup> e moço fidalgo da casa de S. Magestade.  
 2.<sup>o</sup>—Vigario Col.<sup>o</sup> da freguezia de Rapozos e encom.<sup>o</sup>—nesta da Cachoeira.  
 3.<sup>o</sup>—Natural da Cachoeira.  
 4.<sup>o</sup>—Doutor, Portuguez.  
 5.<sup>o</sup>—Portuguez, falleceu em 1763.  
 6.<sup>o</sup>—Portuguez, ensinava tambem l.<sup>as</sup> letras; ha 30 annos falleceu, na Lagoa do Noffo, desta freguezia, o centenario João Francisco da Silva, ultimo discipulo sobrevivente do referido vigario.  
 7.<sup>o</sup>—Substituiram o R.<sup>o</sup> Vig.<sup>o</sup> Manoel de Oliveira auzente para Portugal.  
 8.<sup>o</sup>—Retirou-se definitivamente para Portugal.  
 Nasceu em Cachoeira, era irmão dos P.<sup>os</sup> Antonio Jose' do Valle e Vital Jose' do Valle Vigario da Vára de Ouro Preto, filhos de Luiz da Silva Valle, e netos do C.<sup>o</sup> Antonio Pimenta da Costa, distinctos catholicos e benemeritos da freguezia tendo concorrido, como mezarios da S. S. por diversas vezes para as obras da matriz.

» Francisco Gomes da Costa—Capel. <sup>o</sup> de S. Gonçalo do Monte.....	1741
» Cypriano Rodrigues Neves » do Tejuco.....	1740
» Coadjutor Manoel Pereira de Souza.....	1741
» João Soares da Cunha Capellão de S. An. <sup>o</sup> do Monte.....	1743
» Manoel de Souza Lobo.....	1744
» Felix de Souza (Tejuco).....	1746
» Antonio Ribeiro de Vasconcellos Capellão de S. Gonçalo do Monte..	1745
» Rodrigo Lopes Coelho.....	1746
» Phelippe de Souza (Tejuco).....	1645
» M. <sup>o</sup> de Oliveira Rabello, Capellão de S. Gonçalo do Monte.....	1752
» Luiz Lopes de Mattos.....	1755
» Valentim Pereira de Amorim.....	»
» Marcello Vaz da Costa Capellão de S. Gonçalo do Tejuco.....	1757
» Francisco Antonio Xavier (Cachoeira).....	»
» » Coelho de Carvalho Capellão de S. An. <sup>o</sup> do Monte.....	»
» Antonio Gonçalves de Moraes e Castro.....	1759
» Francisco de Moraes Sarmiento.....	»
» Francisco Xavier Cabral.....	1759
» Jose' de Castro Moraes.....	1759
» Domingos Lopes de Mattos S. An. <sup>o</sup> do Monte.....	»
» Jose' Borges de Siqueira Rego Capel. de S. Gonçalo do Monte....	»
» Nicolau Pimenta da Costa.....	1761
» Manoel Ferreira Coutinho.....	1765
» Antonio Pimenta da Costa.....	1763
» Braz Joaquim de Mattos S. An. <sup>o</sup> do Monte.....	1766
» Luiz Euzebio de Amorim, Capel. de S. Gonçalo do Monte.....	1766
» Antonio Jose' do Valle.....	1773
» Henrique Vicente.....	»
» João Pereira Zacharias (Capellão do Tejuco).....	»
» João Baptista de Abreu.....	1777
» Jose' Gomes Carmo (S. Antonio do Monte).....	»
» Gonçalo da Costa Pereira.....	»
» Joaquim Pereira do Amorim (S. Gonçalo do Monte).....	1778
» Antonio da Costa Athaide.....	1779
» Semeão Ribairo da Silva.....	1780
» João Pimenta da Costa (.....)	1782
» Manoel Antonio Pimenta (.....)	1785
» Antonio Luiz Coelho.....	1795

Cachoeira do Campo, Agosto, de 1907.

P.<sup>o</sup> Affonso Henriques de Figueiredo Lemos.

( Continua )

\* Os Padres Nicolau Pimenta da Costa, João Pimenta da Costa, Antonio Pimenta da Costa, e Manoel Antonio Pimenta eram naturaes da Cachoeira, descendentes do C.<sup>o</sup> Antonio Pimenta da Costa.